

ECONOMIA ■ Em pauta a administração do projeto que deverá criar ao menos 30 mil empregos

Parque Digital em fase de definição

Flávia Lima

A construção do Parque Tecnológico Capital Digital depende ainda de algumas decisões do governo do Distrito Federal. Terça-feira, o secretário de Ciência e Tecnologia, Izalci Lucas, se reunirá mais uma vez com representantes da Federação das Indústrias do DF (Fibra), de empresas do setor de tecnologia e da Universidade de Brasília.

O objetivo da reunião é finalizar a proposta de gerenciamento do Parque Capital Digital, que deverá criar 30 mil empregos diretos com a instalação de cerca de 2 mil empresas. É uma das principais apostas econômicas do GDF.

Na reunião, os pré-requisitos para que as empresas possam entrar no Parque Digital serão definidos. Falta também decidir quem governará a cidade e de que forma os empresários receberão o terreno. De acordo com o secretário, o ideal é que o Instituto Brasília de Tecnologia e Inovação tome conta da organização da Cidade Digital.

— O Instituto terá o objetivo de aproximar o conhecimento dos negócios. Precisamos levar os pesquisadores para as empresas — afirmou o secretário. — O órgão será coordenado por um conselho que reunirá representantes do governo, do setor empresarial e das universidades. Os três se-



“ Temos o maior número de pesquisadores por habitante no Brasil, mas não sabemos aproveitá-los.

Izalci Lucas, secretário de Ciência e Tecnologia

tores precisam falar a mesma língua — completou.

Izalci Lucas defende também que os terrenos no Parque Capital Digital continuem nas mãos do governo.

— A Secretaria entende que os terrenos não devam ser vendidos aos empresários — afirmou o secretário. — Exatamente para termos controle do Parque Capital Digital e evitar que nele se reproduzam problemas encontrados

em Áreas de Desenvolvimento Econômico (ADEs) do DF, onde empresas ligadas ao comércio e ao setor de serviços se instalaram em terrenos antes destinados à indústria — completou Izalci, que ainda citou o exemplo do Pólo de Modas do Guará, onde parte dos terrenos hoje abrigam residências e comércio, onde deveriam ser instaladas apenas confecções de moda.

A estrutura do Parque Capi-

tal Digital já havia sido modificada. No lugar dos lotes, foram criadas quadras, que poderão dar origem a arranjos produtivos diferenciados. Falta agora definir as regras do condomínio.

— Grandes empresas têm muito interesse em pagar aluguel, no lugar de investir em construção e depois pagar tributos — explicou.

Para o secretário de Ciência e Tecnologia, a Copa do Mundo de 2014 servirá como pontapé fundamental na construção do Parque Digital. Izalci acredita que todos os investimentos que serão realizados na implementação do evento terão reflexos no setor de tecnologia.

— Eventos internacionais exigem muita infra-estrutura e tecnologia — justificou.

Como exemplo, Izalci cita os centros de comunicação que terão de ser criados para transmitir os jogos da Copa do Mundo realizados no Estádio Mané Garrincha. Os centros de transmissão, segundo o secretário, atrairá capitais nacionais e internacionais. A valorização econômica da cidade, segundo Izalci, se dará naturalmente pelo crescimento das oportunidades que serão produzidas pelas expectativas de lucro despertadas pela Copa.

— A Copa deixará uma boa herança a Brasília, que é a infra-estrutura. Uma das exigências da Fifa para a realização da Copa em uma cidade é que exista meio de

transporte público de qualidade ligando o aeroporto e o local de realização do jogo. Os investimentos trarão melhorias ao sistema de transporte da cidade — explicou.

Para o secretário, que acabou de chegar de uma missão aos países asiáticos, é preciso que governo, empresários e universidades se unam. Apenas a união permitirá que o Parque Capital Digital seja um grande produtor de patentes. É assim que funciona em Taiwan, a maior produtora de patentes do mundo, graças à disseminação do conhecimento a partir dos parques tecnológicos.

— Esse é o diferencial dos asiáticos. Eles adotaram o programa de tecnologia como política de Estado, independente de quem está no governo — afirmou.

— Lá, governo, universidade e empresas estão alinhados e trabalham juntos.

— Cabe ao governo articular a união entre os três agentes de desenvolvimento.

O desafio, na opinião de Izalci Lucas, mais do que investimento em pesquisa do governo, é levar a pesquisa para dentro das empresas.

— Temos o maior número de pesquisadores por habitante no Brasil, mas não sabemos aproveitá-los. As pesquisas são realizadas e depois publicadas em revistas científicas. Mas não são transformadas em incentivo ao desenvolvimento de empresas de tecnologia.